



CONCEITO DE *HABITUS* EM PERSPECTIVA: *HABITUS* COMO TRANSCENDENTAL HISTÓRICO COMUM

Palavras-Chave: BOURDIEU, CASSIRER, CULTURA, HABITUS

Autores(as):

LEONARDO NASCIMENTO PANÇA, UNICAMP – IFCH

Prof^(a). Dr^(a). RAFAEL RODRIGUES GARCIA (orientador(a)), UNICAMP - IFCH

INTRODUÇÃO:

O objetivo da pesquisa é compreender em que medida o programa da *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer (*FFS*, a partir de agora) influenciou decisivamente a sociologia de Bourdieu. Na pesquisa atual, temos o intuito de focalizar o conceito de *habitus* - tanto em seu desenvolvimento, como em sua concepção nas obras de maturidade, em especial os estudos sobre o Estado. Ressalta-se que essa influência foi de caráter metodológico e epistemológico, em razão do uso que Bourdieu faz dos pressupostos epistemológicos do filósofo na prática científica. Há um residual teórico daquilo que entendemos por *aspecto constitutivo* (ou, nas palavras de Bourdieu, *estruturante*) no conceito de *habitus*. Na medida em que o conceito foi desenvolvido nos estudos sobre os *habitus* estatais (posto que o Estado é compreendido como um “princípio de classificação *legítimo*”), Bourdieu traça um panorama que vai das instituições à inculcação (pelo sistema escolar) de *habitus* socialmente compartilhados - o “transcendental histórico comum”. A intenção de compreender esse panorama de influência leva às aproximações e rupturas, diretas e indiretas, empenhadas pela leitura de Bourdieu do filósofo - mas sem, no entanto, acabar caindo em reducionismos.

Nesta pesquisa, pretendemos abordar o desenvolvimento do conceito de *habitus* e sua aproximação e ruptura método-epistemológica com o programa cassireriano. Abordaremos a “leitura” que Bourdieu empreende sobre a filosofia de Cassirer - por exemplo, quando Cassirer é entendido como um “kantiano rígido”, a-histórico, quando na verdade Cassirer está vinculado a uma leitura mais programática do idealismo crítico. Também citaremos a crítica ao “intelectualismo” de Cassirer que, na leitura de Bourdieu, o leva ao seu distanciamento do programa cassireriano e a modulação sociológica da filosofia da cultura em uma “sociologia das formas simbólicas”. Em consequência disso, apresentaremos o aparato conceitual do *habitus* como “transcendental histórico comum” de Bourdieu e o aparecimento do Estado dentro da temática de pesquisa do sociólogo. Vale ressaltar que Bourdieu também recepcionou *Conceito de substância e conceito de função* (obra mais citada pelo autor), para se contrapor aos mesmos princípios teórico-dogmáticos positivistas. Cada um desses temas serão desenvolvidos com detalhe no relatório final.

METODOLOGIA:

O principal objetivo desta pesquisa será continuar a pesquisa sobre o conceito de *habitus* em Bourdieu ao mesmo tempo que tenta relacioná-lo com seu *aspecto construtivo* e com a filosofia das formas simbólicas de Cassirer. Além disso, também pensamos que os *cursos* sobre o Estado e o artigo de mesmo tema de Bourdieu contribuem para repensarmos tanto o conceito de *habitus* e sua recepção do neokantismo. Sem, no entanto, reduzi-los um ao outro, pensamos que mesmo assim podemos aproximá-los, mas mantendo as devidas proporções entre a filosofia e a sociologia. Também pensamos que a principal aproximação entre o conceito de *habitus* e o Estado pode ser a concepção de *transcendental histórico comum*, pois, como poderia Bourdieu entender o Estado como o maestro dos *habitus* estatais, compartilhados por uma nação e inculcados principalmente pela instituição

escolar? Portanto, essa pesquisa pretende permanecer no mesmo escopo teórico das pesquisas anteriores, mas pretende abarcar um novo conjunto de conceitos em Bourdieu em nova perspectiva.

O principal método utilizado é a *leitura hermenêutica* ou estrutural dos textos-chave tanto de Bourdieu como de Cassirer e também aqueles que são mais próximos entre os dois. Pensamos, por exemplo, nos textos que Bourdieu cita nominalmente Cassirer, mas também nas obras e artigos que mantêm um escopo de temas em que os dois compartilham interesse. Entre esses, está o conjunto de cursos reunidos em *Sobre o Estado*, mas também o artigo *Espíritos de Estado* presente em *Razões práticas*. Além desses textos, pensamos em utilizar o capítulo *Fundamentos históricos da razão em Meditações pascalianas*, obra já reconhecida como *mais filosófica* do sociólogo. Em Cassirer, utilizaremos os tomos da *Filosofia das formas simbólicas*, e também a maior parte dos artigos publicados reunidos em *Symbol, Myth and Culture: Essays and Lectures of Ernst Cassirer. 1935-1945*. Todos esses textos são muito importantes para a pesquisa e serão amplamente fichados e citados nos relatórios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No artigo *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*, publicado na obra *O poder simbólico*, na edição brasileira, Bourdieu faz o primeiro balanço das influências sobre a noção de *habitus* e o modo como cunhou e utilizou o conceito em sua prática científica. A noção de *habitus* é fundamental para a teoria sociológica de Bourdieu, porquanto compõe sua concepção da constituição das práticas e da percepção do mundo social. Destaca-se que essa noção foi adquirindo estatuto de conceito-chave ao longo das investigações empíricas que Bourdieu realizou na Argélia colonial e na região de Béarn, assim como na França a partir de 1960, e ao mesmo tempo pela aquisição teórica em suas leituras de Cassirer, Merleau-Ponty, Husserl, Durkheim, Saussure, Lévi-Strauss, Marx, Weber, Panofsky.

De acordo com Bourdieu, o conceito de *habitus* exprime uma “recusa” metodológica em relação a uma série de alternativas teóricas em que as ciências sociais estavam encerradas na década de 50: a da filosofia da consciência (ou do sujeito) ou do inconsciente, assim como a do finalismo ou do mecanicismo. De acordo com Sapiro¹, Bourdieu também mobilizou *Conceito de substância e conceito de função* para se contrapor ao positivismo e ao dualismo e garantir a cientificidade das ciências sociais. Articulando Cassirer com Bachelard, Bourdieu aplicou o modo de pensar relacional às ciências sociais, mostrando que elas estavam no caminho da dessubstancialização.

A noção de *habitus*, afirma Bourdieu, permitiria às ciências sociais romper com o “paradigma estruturalista” sem cair no seu oposto, uma filosofia do sujeito ou da consciência. A posição estruturalista, que transformava o “sujeito” em um agente reduzido ao papel de suporte - *Träger* - da estrutura, não convencia Bourdieu; por outro lado, ele também criticava a associação entre Panofsky e Cassirer (“à filosofia neokantiana das “formas simbólicas”, como ele mesmo diz), pois acreditava que Cassirer estava preso em uma filosofia transcendental kantiana rígida - isto é, sem história. Panofsky, que tinha contribuído para evidenciar os “aspectos históricos” dos sistemas simbólicos, convinha à sociologia de Bourdieu, ao contrário da filosofia de *tradição idealista* das formas simbólicas. (Ver: Bourdieu, 1989, pág 8)

Dentro da tradição idealista, Bourdieu compreende outras subdivisões. De um lado temos a tradição européia, representada por Cassirer e Humboldt, e do outro lado a tradição anglo-saxã, representada por Edward Sapir e Benjamin Whorf. Bourdieu também subdivide a tradição idealista entre uma corrente rigorosamente kantiana e uma corrente culturalista. Sem o intuito de exaurir as diferenças elementares entre essas tradições mais ou menos próximas, podemos dizer que o ponto de encontro que as une enfatiza a visão constitutiva ou construtivista do mundo físico e social. Neste aspecto, os sistemas simbólicos (mito, arte, religião, linguagem, ciência) não são constativos do mundo físico ou social, mas constitutivos - na linguagem bourdieusiana, os sistemas simbólicos são “instrumentos de conhecimento e *instrumentos de construção* da realidade”. Para Bourdieu, enquanto a corrente kantiana se ossifica na abordagem transcendental dos sistemas simbólicos, a corrente culturalista (representada por Panofsky e Durkheim) compreende esses sistemas enquanto formas sociais, isto é, arbitrarias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas.

¹ Gisèle Sapiro foi quem dirigiu e organizou a obra *Dictionnaire international Bourdieu*, publicada em 2020 pela CNRS Éditions, Paris. Sapiro também foi o responsável pelo verbete sobre Ernst Cassirer. Ver: CASSIRER, ERNST (1874-1945), *Dictionnaire international Bourdieu*, 2020, CNRS Éditions, Paris.

O conceito de *habitus*

No artigo sobre a gênese do conceito de *habitus*, Bourdieu afirma que se deparou com a noção de *habitus* na ocasião da publicação em francês da obra de Panofsky sobre a arquitetura gótica em 1967. Apesar de Bourdieu afirmar que o conceito de *habitus* visava retirá-lo do arcabouço teórico neokantiano-cassireriano no qual Panofsky estava assentado, isso não significa que Bourdieu negava a ideia antidogmática que fundamentava o neokantismo: isso fica claro na recusa de Bourdieu do sentido *passivo* presente na concepção de agente dentro do paradigma estruturalista ou na teoria do reflexo marxiana. Como ele afirma, a noção de *habitus* visava pôr em evidência as “faculdades criadoras, ativas, inventivas, do *habitus* e do agente” - mas sem cair na filosofia da consciência da tradição idealista das “formas simbólicas”. Para este intuito, Bourdieu não negava o programa das ‘formas simbólicas’ como um todo, mas pensava em fundamentá-lo em bases sociológicas - contra o “intelectualismo” de Cassirer, de acordo com a leitura de Bourdieu. (Ver: Bourdieu, 1989. pág 61)

Por isso, Bourdieu também põe em evidência que a noção de *habitus* não recai no materialismo *stricto sensu*, em razão de retomar ao idealismo o lado ativo do conhecimento que a tradição materialista abandonou - como sugerido por Marx nas *Teses*.

Ora, a “teoria do reflexo”, presente no marxismo e no estruturalismo, parte justamente da posição dogmática, que entende o agente como *passivo* em relação à economia, à estrutura, ao conhecimento. Neste sentido, Cassirer aparece como fundamental para a reformulação teórica - mesmo que aliada à prática científica de Bourdieu - para repensar o fundamento dogmático do estruturalismo e do marxismo, focalizando o *fundamento construtivista* das formas simbólicas. Segundo a integração do programa da *FFS* à sociologia, Bourdieu reitera a atividade estruturante do agente, ou seu *modus operandi*. Em *Sobre o Estado*, Bourdieu afirma que a mundo social não “existe” como um dado, mas que a todo instante a realidade social é ativamente construída por categorias, ou seja, os agentes sociais utilizam “formas simbólicas” - que ele também chama de “estruturas estruturantes” - para construir a realidade social. É neste sentido que se deve entender o *estruturalismo construtivista* de Bourdieu: nem cair em puro subjetivismo, nem estritamente no objetivismo, mas correlacionar as duas posições e alicerçar a teoria sociológica à prática empírica.

O *habitus* é uma disposição adquirida, aquilo pelo qual a estrutura objetiva é correlacionada à estrutura subjetiva do agente, capaz de gerar pensamentos, percepções e comportamentos característicos de uma cultura. Bourdieu traça uma analogia com a gramática que gera a linguagem em Chomsky, mas, ao contrário da teoria chomskiana, o *habitus* não é inato ao agente, mas adquirido socialmente, por meio da socialização do corpo. Sem cair em um marxismo do tipo da teoria da cópia ou do reflexo, nem no estruturalismo, Bourdieu reconhece que o *habitus* é adquirido através de um processo dialético.

Para o sociólogo, a dialética da estrutura simbólica é mediada pelo princípio de funcionamento do *habitus*. Há uma relação de *interdeterminação histórica* entre as estruturas sociais e os agentes individuais. Em Cassirer, as formas simbólicas do mito, da arte, da ciência *não são* meramente cópias das impressões sensíveis, mas relações produtivas de configurações simbólicas do espírito; *mutatis mutandis*, a interiorização da exterioridade em uma subjetividade socialmente determinada (processo de socialização do agente) não representa mera impressão sensível das forças sociais em uma matéria passiva, mas consiste na produção de uma subjetividade dinâmica capaz de produzir *disposições*, ou seja, esquemas práticos e simbólicos.

O Estado e o *transcendental histórico comum*

No capítulo *Espíritos de Estado* da obra *Razões práticas*, Bourdieu infere que não seria possível compreender a forma específica do poder do Estado (*i. e.* sua eficácia simbólica), sem antes integrar tradições intelectuais tidas como incompatíveis entre si. O sociólogo visa superar a oposição entre as tradições fisicalistas e semiológicas. Enquanto aquelas entendem as relações sociais como simplesmente relações de força física, essas não compreendem as relações de comunicação e as relações de sentido como relações de força simbólica. Aqui Bourdieu repete o seu procedimento de *integrar* sinteticamente teorias “incompatíveis”, como Cassirer e Durkheim. Essa síntese aparece pela primeira vez no artigo sobre o *poder simbólico*, mas terá desenvolvimentos posteriores.

A teoria do poder simbólico de Bourdieu é exposta através de uma reflexão sobre as funções sociais ou políticas desempenhadas por sistemas simbólicos (mito, religião, arte, linguagem, ciência).

Essa função propriamente política dos sistemas simbólicos é depurada da síntese crítica de diversas abordagens teóricas do símbolo. A sociologia como síntese crítica de Bourdieu é uma abordagem de intersecção entre tradições teóricas; por exemplo, entre a tradição idealista, a tradição estruturalista, a tradição weber-marxista “conflitual”, a tradição etnometodológica.

De acordo com a leitura de Bourdieu, o programa filosófico de Cassirer tem como propósito vincular o símbolo com a sua *função de conhecimento* - os símbolos cumprem o papel de inteligibilidade do mundo ao mesmo tempo que fornecem os instrumentos constitutivos dessa inteligibilidade. A tradição estruturalista representada por Saussure e Lévi-Strauss, por sua vez, exemplificam uma abordagem dos sistemas simbólicos na qual colocam em primeiro plano a *função de comunicação* desses sistemas. Bourdieu integra as duas abordagens na “primeira síntese” da teoria do poder simbólico (elas evidenciam o *aspecto tautegórico* das abordagens simbólicas enquanto funções de conhecimento e comunicação); depois elas serão re combinadas, na “segunda síntese”, às abordagens que enfatizam as *funções de dominação* das formas simbólicas (nomeadamente, Bourdieu visa integrar Cassirer e Durkheim a Marx e Weber)², ou seja, os modos através dos quais as formas simbólicas transformam e reproduzem as relações de força sociais na medida em que são tidas como legítimas.

Como abordamos, Cassirer é o pensador que, com o programa da *Filosofia das formas simbólicas*, atualiza a revolução copernicana kantiana em direção às forças gerais do espírito de objetivação culturais (mito, arte, linguagem, ciência). A ampliação da qual fala Bourdieu em relação a Cassirer significa ultrapassar as forças culturais em direção ao mundo social. Para o sociólogo, os agentes sociais também *constroem* o mundo social do qual fazem parte através de *formas simbólicas*. Essas formas, entendidas como *estruturas estruturantes*, além de abarcar outras estruturas em diferentes teóricos (e. g. as formas de classificação em Durkheim, ou os princípios de visão e divisão), podem ser aplicadas, para Bourdieu, a todas as coisas do mundo, mas principalmente às estruturas sociais. Para o sociólogo, as relações simbólicas são, ao mesmo tempo, relações de força, isso porque os atos de submissão e obediência mobilizam estruturas simbólicas.

Porém, Bourdieu articula as estruturas simbólicas fundamentadas na tradição idealista, da qual Cassirer faz parte, com a sociologia de Durkheim e Panofsky - como fica claro no artigo sobre o poder simbólico. Para o sociólogo, as estruturas cognitivas são historicamente constituídas, isto é, convencionais e arbitrárias. Por causa disso, pode-se traçar a gênese social dessas estruturas. Neste sentido, Bourdieu vai generalizar a hipótese de Durkheim, segundo a qual as formas simbólico-classificadoras das tribos primitivas são o produto da incorporação das estruturas sociais grupais nas quais estão inseridas.

Essa hipótese vale tanto para as tribos totêmicas quanto para a *sociedade moderna*. Só que, ao contrário delas, é o Estado que, nas sociedades civilizadas, tem o poder de impor e inculcar as estruturas simbólicas (assim como as avaliações idênticas ou semelhantes) que os agentes aplicam na construção do mundo social. Para Bourdieu, a experiência do mundo como “mundo do senso comum” é uma experiência socialmente construída pela força do Estado. Essa é a razão que fundamenta a explicação durkheimiana da homologia do “conformismo lógico” e do “conformismo moral” de uma dada sociedade. Essa razão também fundamenta a crítica que Bourdieu faz à fenomenologia e à etnometodologia, pois elas não colocam em questão a construção social dos princípios de construção da “realidade social”, nem o papel do Estado em inculcar e impor esses princípios de constituição do social. (Ver: BOURDIEU, 1996, pág. 116)

Para Bourdieu, o Estado é uma “estrutura organizacional e instância reguladora das práticas” que “exerce permanentemente uma *ação formadora* de disposições corporais” - (BOURDIEU, 1996), *grifo nosso*. O Estado exerce essa ação permanente e uniforme “através de todos os constrangimentos e disciplinas corporais e mentais” de modo universal ao conjunto de agentes de um determinado território. Essa imposição e inculcação estatais implica na homogeneidade das formas simbólicas daquilo que se entende por “realidade social” ou, como diz Bourdieu, todos os princípios de classificação fundamentais (que corrobora a idade, os sexos e mesmo a “competência” garantida pelo sistema escolar).

Esse “conformismo lógico (“uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” em Durkheim) (BOURDIEU, 2014,

² Essa *integração* é feita em vários lugares das obras de Bourdieu. Ver: *O poder simbólico* (1989), pág 7-16; *Sobre o Estado* (2012), pág 302-324; *Razões práticas* (1994), pág 114-115. Assim como em várias das aulas de Bourdieu que foram publicadas.

pág. 377), é o fundamento da eficácia simbólica do poder do Estado e de todos os ritos institucionais (e. g. a família e o sistema escolar). Esses ritos institucionais são simbolicamente eficazes porque são fundamentados em todas as estruturas cognitivas impostas e inculcadas através da imposição estatal dessas estruturas ao conjunto de agentes de uma determinada sociedade.

Com a expressão *transcendental histórico comum*, Bourdieu intenta expressar o produto dessas relações histórico-simbólicas entre os agentes sociais e o Estado. Não só o Estado é o produto de uma construção social, como também a ele se acompanha a construção das formas de classificação estatais (quadros sociais da percepção, da compreensão ou da memória) que estabelece a condição da orquestração das *disposições* dos agentes sociais.

CONCLUSÕES:

Nesta pesquisa abordamos principalmente a leitura que Bourdieu faz de Cassirer e, a partir dessa leitura, como ele integrou o programa teórico do filósofo (epistemológico, programático e conceitual) aos problemas da pesquisa sociológica. Aqui, mostramos como o conceito de *habitus* de Bourdieu remonta aos fundamentos teóricos do programa da *FFS* e seu desenvolvimento nos trabalhos que focalizam o Estado. De fato, Bourdieu foi profundamente influenciado pelo amplo arcabouço teórico de Cassirer. Entretanto, essa pesquisa mantém o cuidado de não reduzir o programa de Bourdieu ao do filósofo. É bem mais fecundo mostrar as influências diretas e indiretas, as aproximações e as rupturas, as correlações e as críticas. Bourdieu declarava abertamente que, sem abandonar o trabalho empírico, é possível correlacionar teoricamente sua sociologia com Cassirer. Neste sentido, pensamos que contar a história dessa influência significa recompor a importância do neokantismo e sua recepção na França, recolocando Cassirer de volta ao radar sociológico. Esta pesquisa mostra a relevância que é contar essa história quase esquecida e, uma vez que ela poderia seguir para direções ainda não formuladas até aqui, sua conclusão está em aberto.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sergio Miceli. São Paulo, SP: Perspectiva, 1974. 146

BOURDIEU, Pierre. **Structuralism and theory of sociological knowledge**. Social Research 35(4): 681–706, 1968.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologie Générale. Vol. 2: Cours au Collège de France, 1983-1986**. Paris: Editions Raisons d'agir and Le Seuil, 2016

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papius, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo. Companhia das Letras.

CASSIRER, Ernst. **O mito do Estado**. São Paulo: FQ-M Editores Associados, 2003.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas I: Volume I, II e III**. São Paulo. Martins Fontes

CASSIRER, Ernst. **Essay on Man: An Introduction to a Philosophy of Human Culture**. ECW 23.

CASSIRER, Ernst. **The Warburg Years: Essays on Language, Art, Myth, and Technology**. Yale University, 2013.